

BD



O adeus a QUINO

JORGE FREITAS SOUSA
jfsousa@dnoticias.pt

Fora da Argentina não devem ser muitos os que saberão quem foi Joaquín Salvador Lavado Tejón mas, em todo o mundo, sem falar um continente, são milhões os que conheceram Quino. Que riram e pensaram com as suas tiras, com as perguntas desconcertantes de Mafalda, a criança, filósofa, revolucionária e intemporal

que se transformou num símbolo de gerações.

Quino morreu no dia 30 de Setembro, com 88 anos, e em todo o mundo foi desenhado um luto colectivo, misto de homenagem e agradecimento por uma obra que ultrapassou o desenho, a criatividade e as mensagens que chegaram a ser consideradas subversivas por mentes quadradas.

Quino, nascido em Mendoza, na Argentina, em 1932, filho de imigran-

tes espanhóis, ficou órfão ainda adolescente e começou a trabalhar muito cedo. Na década de 1950, já publicava em diversos jornais e revistas, mas a personagem que o iria imortalizar nasceria de um meio fracasso.

Depois de editar o álbum 'Mundo Quino', em 1963, quando já era considerado um dos desenhadores de referência da Argentina, foi-lhe pedido que criasse um personagem para uma campanha publicitária. Assim nasceram Mafalda, Gui, Mi-

guelito, Manelinho, Joaninha, os pais e vizinhos de um grupo de crianças iguais a tantas outras.

A campanha foi cancelada mas os personagens sobreviveram. Em 1973, Quino deixou de desenhar Mafalda, a contestatária, mas o personagem vive, até hoje. Paralelamente continuou uma carreira rica que não se limitou à banda desenhada. Até morrer, foi um defensor dos direitos humanos e um pensador respeitado.

